

QUAL É O NOME DELE?

Maria Aparecida Pascale

Resumo

Este artigo reflete sobre a experiência religiosa do povo de Israel, cujo Deus se manifesta sob diversos nomes, de acordo com cada momento histórico-cultural. A partir desta experiência entendem-se as manifestações de outras tradições culturais, como a dos indígenas e a dos afro-brasileiros com as diversas denominações a seus Deuses. A pertença a uma tradição religiosa é fundamental para a descoberta e manutenção da identidade original de cada grupo, o que confere sentido ao cotidiano da sua vida e o faz sentir-se protagonista da história e compromissado na construção de um novo mundo. O diálogo inter-religioso torna-se um caminho enriquecedor para a mútua aprendizagem e para assumi-lo em conjunto – a unidade na diversidade – o projeto de vida digna sem exclusão. Neste sentido, o êxodo israelita, como evento libertador de um povo, permanentemente celebrado, torna-se paradigma para todas as gerações e culturas, motivador da esperança militante. Será somente Iahweh, o nome divino revelado a Moisés, o único verdadeiro? Na Bíblia e nas diversas tradições culturais, encontramos outros nomes para a divindade: Elohim, Ruah, El Shaddai, Astarte, Ogum, Iemanjá, Iansã, Hã-Hã-Hãe... Afinal, qual é o nome Dele?

Palavras-chave: *Nomes de Deus. Revelação progressiva. Tradições culturais. Indígenas e afro-brasileiros. Diálogo inter-religioso.*

Abstract

This article deals with the religious experience of the people of ancient Israel whose tutelary deity is known by various names in the context of multifarious historical and cultural events and religious texts. In the light of this experience are to be related quite different cultural traditions such as the trends and habits in designating their deities in vogue among indigenous and afro-Brazilian peoples. It is quite important to them to uphold the sense of belonging which is the bond uniting groups of people and the source of strength of their identity beyond the changing situations of everyday life. Inspired by these realms of meaning they pursue greater objectives in

history embracing the ideal of improving their life styles. Interfaith dialogue is certainly enriching their initiatives opening up new horizons without seclusion of alternatives embraced by outsiders. In this sense, a retrospective view of the Exodus of the people of Israel as a great step in the history of liberation from of old becomes the paradigm for all generations to be cherished. To be sure, Yahweh is the god of Israel, whom Moses invoked on Sinai and the prophets associated with the names of Elohim, Ruah, El Shadday not the be compared with spurious deities such as Astarte, Ogum, Iemanjá, Iansã, Hã-Hã-Hãe. Should it be asked whether these names could be compared with that of Yahweh? In any way, what's His name?

Keywords: *Names of God. Ongoing revelation. Cultural traditions. Indigenous and afro-Brazilians. Interreligious dialogue.*

Introdução

A experiência humana caracteriza-se como procura cotidiana do conhecimento que, em última análise, é o ser que deseja encontrar-se com o transcendente. Homens e mulheres são seres “culturais”, herdeiros de uma cultura e testadores da mesma. Nenhum ser humano começa a sua experiência do ponto zero. Valendo-se da memória, baseia-se em experiências anteriores, fazendo um processo dialético entre o presente e o passado e vislumbrando o futuro. Tem como parâmetros: memória, esperança, tradição e profecia.

Em sua experiência histórica o ser humano percorre um processo de aprendizagem (que é singular) na transmissão e planejamento de uma cultura. Não sendo apenas determinado pelo seu passado, ele impõe ao presente os seus desejos e anseios. Assim sendo, ele é agente de transformação, é formando e formador, educador e educando. Cuida de novas tradições, é “presença no mundo”, é atuante e responsável pelo seu tempo, também pelo que virá.

O conhecimento de Deus e o livro dos nomes

Na Bíblia hebraica, na qual é costume nomear cada livro com uma palavra do primeiro versículo, este livro chama-se *Shemôt* (nomes). O título Êxodo veio da tradução grega, que enfatiza a saída dos escravos do Egito¹. O Êxodo estima a data para o começo da história de Israel no ano 1220 aC. Êxodo quer dizer saída, retirada. O livro conta como o povo de Deus saiu do Egito e se libertou da escravidão. É o segundo livro do Pentateuco e anuncia o projeto de Deus e a promessa de libertação.

1. Cf. BÍBLIA EDIÇÃO PASTORAL. *Introdução ao Êxodo*. Paulus: São Paulo, 2014.

O acontecimento do Êxodo é descrito sob três aspectos: Livro dos Nomes, Livros dos Sinais e Livro da Libertação. São três maneiras de narrar e de reler a experiência da libertação dos hebreus empobrecidos no Egito. Lendo atentamente este belíssimo relato nos deparamos com a lembrança dos nomes importantes que marcaram o processo de busca do projeto de Deus. Também nos deparamos com a descrição da ação libertadora do Deus que não quer seu povo esmagado e oprimido pelo poder tirano do Faraó e com a grande vitória e celebração da saída. O Êxodo, que se tornou o núcleo fundamental da vida do povo de Israel, vai sempre estar na memória dos diversos grupos com suas experiências originais na direção de uma nova sociedade. Basta notar como o relato do Êxodo vai ser lembrado pelos Profetas, pela Historiografia Deuteronomista e pela Sabedoria.

Os nomes de Deus – Os termos e o verdadeiro nome

Alguns termos hebraicos são traduzidos por “Deus”: El, Deus no poder e na singularidade da sua natureza divina; Elohim: forma plural que, no entanto, não significa “deuses”, mas indica aquele Único que possui de modo completo todos os atributos divinos. Além desses, existe um terceiro termo: Adon. Este descreve Deus como “soberano” ou “Senhor”, salientando sua autoridade divina e seu poder efetivo. Ao lado desses, encontramos o nome pessoal “Iahweh”. Por um sentido de respeito preferiu-se evitar seu uso nas leituras feitas em público, substituindo-o normalmente por “Senhor” (Adonai). A maior parte das traduções perpetuaram o uso de “Senhor” ou “Senhor Deus”, em conexão com Adonai (uma forma de Adon).

Deus, dando a conhecer seu nome ao povo, pretendia revelar-lhe seu caráter mais íntimo. O nome Iahweh relaciona-se com o verbo hebraico “ser”, verbo que não significa simplesmente “existir”, mas antes “estar ativamente presente”. Iahweh (Ex 3,13-16) é o Deus dinamicamente presente no meio do seu povo. O momento por ele escolhido para revelar este nome coincide com a extrema necessidade do povo libertar-se da sua terrível escravidão. Em outras palavras, a ideia de “presença ativa” nos diz que Deus está permanentemente conosco (Ex 3,5) e se manifesta na redenção santa e na santa cólera da Páscoa (Ex 12). Textos como Ex 34,6-9; Sl 103; 111; 146; Mq 7,18-19 nos dão a conhecer bem a percepção que o Antigo Testamento tinha do significado deste nome.

Revelação progressiva

O nome de Iahweh aparece já nas primeiras páginas da Bíblia (Gn 4,1), de tal forma que dá a impressão de ser familiar às pessoas daquele tempo (cf. Gn 4,26; 14,22). “Conhecer” no Antigo Testamento não significa apenas possuir uma informação, mas também gozar intimamente da amizade da pessoa conhecida. Correspondia simplesmente ao modo de dirigir-se a Deus. Ao revelar-se como

Iahweh, Deus possibilita a compreensão de seu próprio ser e de sua disposição de estar em permanente relação com o seu povo.

Porém, constata-se nas narrativas bíblicas que Deus assume diferentes nomes de acordo com os diversos contextos histórico-culturais. Os nomes revelam a variedade de características das ações divinas no meio do povo. Nomes sob os quais Deus é adorado. Também hoje contemplamos na América afro-ameríndia essa variedade de nomes. Porém nenhum deles define totalmente a essência divina. Percebemos, então, quão importante é a prática do diálogo inter-religioso.

Na Bíblia encontramos mais alguns títulos e nomes dados a Deus, como: El Shaddai. “Shaddai” significa provavelmente “montanha”; no sentido figurado imutabilidade e firmeza, em contraposição à fraqueza humana (cf. Gn 17,1s; 28,3s; 35,11; 43,14; 48,3; 49,25). Outros nomes: El Elion = “Deus Altíssimo” (cf. Gn 14,18); El Roi = “O Deus que vê” (cf. Gn 16,13); El Olam = “O Deus Eterno” (cf. Gn 21,33); El Bethel = “O Deus de Betel” (cf. Gn 31,13); El Elohe Israel = “Deus, o Deus de Israel” (cf. Gn 33,20); El Berit = “Deus das Alianças”; Elohim = “Quando julga as criaturas”; Rahamim = “A misericórdia (amor uterino) compaixão”; Tsebaot = “O Deus dos exércitos” = Ruah = “Ventania, em hebraico é o Espírito, uma palavra feminina”; “Quem é como vós entre os Deuses” = Deus em si mesmo; Yhweh = “As quatro consoantes, o Nome”.

Assim o nome de Deus se torna universal. As tradições da afro-ameríndia poderiam inculturar estes nomes hebraicos e dizer: Ogum = “Manifestação do guerreiro”; Iemanjá = “Protetora dos pescadores do mar”; Iansã = “Protetora do povo contra raios e tormentas”.

Voltando à Bíblia, é significativo quando Iahweh se declara “o Deus dos vossos pais” (cf. Ex 3,6.13.15.16), pois todos os nomes das tradições diversas vêm enriquecer a revelação do santo redentor.

Alguns atributos de Deus exprimem de modo tão eloquente o núcleo da sua natureza divina, que são usados como títulos seus: Deus Santo é o título mais central e importante de todos (cf. Js 24,19; Is 5,16; Hab 1,12); O Santo de Israel é a variante do título precedente, usada sobretudo por Isaías (cf. Is 1,4); Deus que “se chama Zeloso” é o que manifesta seu amor apaixonado por seu povo (cf. Ex 34,14); Deus dos Exércitos, muitas vezes repetido, salienta o poder e a força ínsita na natureza divina. Equivale de certa forma ao de “Onipotente” (Jr 32,18b-23). Ele é, além disso, verdadeiro, vivo (Jr 10,10), alto (Mq 6,6), Deus que retribui (Jr 51,56).

Ainda outros atributos: Deus de Israel. É Aquele que se revela de modo especial a um povo (Js 24,2). Relacionado a este: “Deus dos Hebreus” (Ex 5,3) e “Deus de Jacó” (Sl 81,5), o “santo” (Is 1,4) e “poderoso” (Sl 132,2). Como “Anjo do Senhor” condescende em falar ao homem sem perder a sua divindade (cf. Gn 16,7s; Jz 13,16s); Deus do Universo. Um Deus assim não pode pertencer a um só

povo. Ele é o “Criador” (Is 40,28); é o “Juiz” (Gn 18,25); é o “Rei” (Jr 10,7), é o “Deus de todo ser vivo” (Nm 16,22; Jr 32,27).

Deus se revela também como o Deus dos indivíduos: “o meu dileto” (Is 5,1), “o Deus da minha salvação” (Sl 18,47). A consciência da sua presença e o amor a ele testemunhado na vida cotidiana transparecem do melhor modo possível nas inúmeras metáforas usadas para indicá-lo: Rocha (deriva de Ex 17,1-7), Pastor (Sl 23,1), Escudo, Baluarte (Sl 18,3), Luz (Sl 27,1), Força (Sl 28,7, Mães dos filhotes (Sl 91,4; comparar com Is 31,5), Esposo (Is 54,5).

Crítica aos deuses

Os profetas, sobretudo, criticam os deuses produzidos pela ideologia monárquica: o Deus Baal legitimava o poder dos reis exploradores dos pobres e a negação da herança igualitária (cf. 1Rs 21). Muitas vezes Oseias chega a criticar a idolatria javista, conhecida como a baalização de Javé. Esta crítica vai aparecer com força nas profecias posteriores. Podemos conferir em Isaías, Jeremias, Sofonias e outros.

As críticas proféticas visam à prática da justiça e do direito, que são a base concreta da construção de uma sociedade igualitária; do amor, ternura e compaixão, o cerne da vida do povo em aliança com Deus; da fidelidade e solidariedade, que são frutos do conhecimento de Deus.

Os profetas motivam a “ser mais” de acordo com o projeto do Deus da Vida. Apontam a utopia como nova reflexão educativo-religiosa. Pode-se interpretá-la e transmiti-la como renovadora do cotidiano da vida. Ela se manifesta nos sinais de justiça e de amor que apontam para um mundo transformado, para uma nova humanidade.

A Aliança sagrada

O tema da Aliança da tradição judaica constitui-se num caminho de esperança militante na construção de um mundo novo. É ainda um grande desafio para os dias atuais. Cremos que a Aliança hoje se dá pela comunicação, pela interação e o diálogo com as culturas dos povos e religiões (diálogo inter-religioso), pois o “projeto de Deus” é que esse mundo seja uma casa habitável para todos e todas. No Novo Testamento, Jesus o denomina de “Reino de Deus”. Por esse projeto o mundo se torna lugar de vida digna sem exclusão, pois “mana” fraternidade entre povos, culturas e religiões. Como disse o Papa Paulo VI: “Todas as religiões só têm sentido a partir do diálogo”².

2. Carta Apostólica *Eclesiam Suam*, 1964, n. 6.

Foi Deus quem iniciou a dialogar conosco e nos ensinou a sermos aprendizes do diálogo. As divisões impossibilitam a experiência da Aliança. É um escândalo para o mundo, é um obstáculo à missão de fazer de todos os povos uma só família. A unidade se constrói na diversidade e na liberdade, no respeito à vocação própria de cada pessoa e de cada grupo. “Não pode haver unidade verdadeira baseada na submissão humilhante, na capitulação ou omissão diante da verdade”.

Diálogo com as culturas indígenas

A Aliança sagrada estende-se para todos os povos. Assim como para o povo de Israel, a terra é um elemento muito importante para as culturas indígenas. Do mesmo modo, a ancestralidade é um elemento fortíssimo na religiosidade dos povos indígenas em geral. Sua religiosidade é cósmica. Ainda conhecemos muito pouco da riqueza e da diversidade cultural destes povos. Grande parte desse patrimônio, existente em nossa terra, foi destruída e se perdeu irreparavelmente. É uma responsabilidade e dever de cidadania de todos nós conhecer, valorizar e garantir a sobrevivência das tradições culturais.

Como em Israel, os líderes populares são respeitados de modo especial nos povos indígenas. Para os Guaranis, por exemplo, o Pajé tem lugar de destaque, assim como os caciques (chefes familiares). A natureza é vista como portadora de espíritos. Eles habitam as matas e os rios. A noite tem especial importância. A lua tem grande espaço na mitologia indígena. Os ritos funerários são de grande importância, uma vez que as almas dos falecidos podem causar o bem ou o mal aos vivos.

A memória é fundamental para a perpetuação das tradições. Para os Tupis, por exemplo, muitos andarilhos, carregam consigo o seu mundo cultural e religioso, adaptando-se por isso mesmo a novos ambientes e situações. A vida é passageira. O objetivo maior do ser humano é atingir o outro mundo, controlado pelos pajés, os quais são responsabilizados pelas doenças e mortes na comunidade. O universo religioso para os Tupis é um lugar de felicidade onde não se trabalha, não se tem doenças e não se envelhece. Para o Guaraní, essa terra chama-se *Yvy marã e ’y* = “terra sem manchas” ou “terra sem males”; e esse povo caminha em busca dessa terra. Os Pajés ambulantes, Karaibas, eram os Pajés que migravam, estimulando as pessoas a migrarem para a terra procurada, o “paraíso”.

Assim como em Israel, a palavra é uma das principais manifestações da divindade. São muito discursadores os Guaranis. Essa tradição nos reporta ao levita-itinerante, o catequista. Eram verdadeiros missionários, animando e mantendo viva a fé em Javé, nas comunidades e tribos, como o profeta Elias. A Palavra se faz história. “E a Palavra se fez homem e habitou no meio de nós. E nós contemplamos a sua glória de Filho único do Pai cheio de amor e felicidade” (cf. Jo 1,14).

Da mesma forma, a luz. Entre alguns povos o sol tem um papel de destaque. Muitas cerimônias são realizadas ao amanhecer, com a chegada do sol. Para eles a luz simboliza a vida. “Nela estava a vida, e a vida era a luz dos homens. Essa luz brilha nas trevas, e as trevas não conseguiram apagá-la” (Jo 1,4-5).

Só no Brasil são inúmeros os grupos indígenas. Devido ao aldeamento missionário que marcou a história desses povos, várias tradições étnicas se mesclaram, facilitando ainda mais a perda da religião, da língua e dos traços culturais. Como disse um líder Pataxó, Hã-hã-hã, tudo isso são “as cicatrizes de 500 anos de sofrimento e dominação”. A sabedoria dos Pajés foi completamente desqualificada. Eram eles que enfrentavam os espíritos numa convivência íntima com os antepassados mortos. Através deles o povo recebe a bênção dos “mais”, dos que manifestam a vontade de Deus.

Muitos povos Tupi-Guarani têm uma profunda espiritualidade de peregrinação permanente em busca da terra sem males. “Quantos ritos e devoções do nosso povo guardam essas raízes indígenas? Quem frequenta romarias da terra, quem conhece as propriedades, não só curativas, mas espirituais das plantas e re-valoriza as bênçãos dos mais velhos e das rezadeiras, convive sempre com essas raízes. Quem sabe o valor que, em todo nosso continente, o povo dá a essas orações pelos mortos, nisto percebe as raízes indígenas e negras da piedade do povo. Assim redescobre como apelo pastoral para aprofundar mais a história e a natureza das religiões ameríndias”³.

Diálogo com as religiões afro-brasileiras

As religiões afro-brasileiras têm sua origem nas tradições culturais africanas. Nos séculos em que os negros foram trazidos para o Brasil escravizados, trouxeram também as suas tradições culturais e religiosas. As religiões trazidas para o Brasil são apelidadas de Candomblé, Batuque e Xangô. Segundo Marcelo Barros, duas grandes tradições culturais vieram com os negros escravos: a Banto e a Nagô. A cultura Banto ocupa uma grande porção do território africano, desde Camarões até o sul do continente, incluindo Angola e Congo, e vai até o outro lado do continente, Moçambique. Foram trazidos muitos escravos dessas regiões, principalmente para o Rio de Janeiro e Minas Gerais. Os bantos acreditam num ser supremo, denominado Zambi, mas o centro da vida religiosa está voltado para os antepassados, que eles invocam, entrando em transe e possessões.

O regime de escravidão no Brasil colonial era tão duro que, com muita dificuldade, os negros conseguiram manter suas raízes, porém não puderam manter

3. Cf. PREZIA, Benedito. Os povos indígenas do Brasil: hoje e ontem. In: Curso de Verão XIII: *500 anos: por um jubileu de justiça e esperança*. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 19-23.

integralmente suas formas de expressão religiosa. Para se manter a religião Banto, com muita criatividade e sabedoria, misturou-se à piedade popular do próprio catolicismo, e na de outras práticas religiosas, como o espiritismo, que também invoca os antepassados. As religiões Nagô puderam atuar mais livremente.

Nas religiões africanas, aos ancestrais e aos mais velhos é dada muita importância, pois eles detêm a sabedoria, que é passada sempre a partir dos mais idosos, Pai de Santo ou Mãe de Santo. O jeito mineiro de ser foi influenciado pela religião e cultura Banto. No Rio de Janeiro, porém, a mistura do Banto e do Yorubá gerou a Macumba. Apareceu, assim, uma religião nitidamente brasileira, a Umbanda, que é uma religião moderna. Ela é resultado do sincretismo de três religiões existentes no Brasil: Catolicismo (europeu); Espiritismo (francês); e Indigenista.

Da fé católica ela assimilou os santos e o diabo; do espiritismo, a invocação dos espíritos de antepassados; da religiosidade indígena, a espiritualidade. Como religião moderna, a Umbanda não forma comunidade, família, não tem contato com ninguém, é a religião da “minha” necessidade, do individualismo. Ela tem um pouco de cada religião, que é assimilada conforme o local em que se está, e o que é predominante no universo religioso local. Os espíritos e as entidades regulam o dia a dia.

A cultura Nagô, ou Yorubá, tem origem nigeriana e conseguiu reconstruir no Brasil toda a estrutura religiosa tradicional. Na África, ocupava a região de Benin, Nigéria e Sudão, que vai desde a costa ocidental até as fronteiras com o Egito. Em Pernambuco, Alagoas e Sergipe, denomina-se Xangô. No Candomblé da Bahia, os gêge, fanti-ashanti (negros-mina), e os haussá, de culto islamizado. Em São Luiz do Maranhão: (tambor de mina), que está próximo ao vodu do Benin.

O Candomblé é um termo de origem Banto, que significa “ação de orar”. Ela é uma religião que tem seu culto no terreiro, onde as orações são invocações para incorporarem nos iniciados, filhos e filhas de santo, ao som de cantos e ritmo de atabaques. O termo Orixás é da cultura Yorubá, enquanto os Bantos os chamam de Voduns. Os Orixás são divindades menores, a manifestação de Deus em forças da natureza. São como personificações de Deus em elementos com água, mar, rio, lua, montanha, fertilidade, saúde e outros elementos da vida. Crê-se, porém, num Deus supremo, Olorum.

Todas as religiões têm algo em comum: começam com um mito da criação, como o relato do Gênesis na Bíblia, e depois do mito vêm histórias dos povos. O mundo, para eles, é formado por Orum (parte de cima, céu) e Ayê (parte de baixo da terra). Olorum é criador; criou Orum e Ayê. Os nagôs não dão nome a Deus. Assim como foi revelado a Moisés: “Eu sou o que Sou”, eles dizem que é Ele quem nos dá nome, pois Ele é Deus (cf. Ex 3,11-15).

O Candomblé não frisa a doutrina. É uma vivência ancestral, uma atitude de vida, uma identidade que se expressa religiosamente. Foi o que salvou a identidade do negro aqui no Brasil, pois ele havia sido arrancado a força de sua terra. Um homem sem sua identidade sente-se perdido. Pior do que a morte física é a morte cultural e a morte pessoal. O Deus de Aliança é o Deus da Vida.

Quando lemos a Bíblia, descobrimos que o povo de Deus organizou-se em tribos e clãs, acreditavam em um Deus da montanha, em um Deus das tempestades. Uma das etapas da história da salvação é a etapa de Noé, um homem com profunda relação com a natureza. Ele era o sacerdote que ouvia a palavra de Deus (não havia sacerdócio hierárquico), fazia sacrifícios, e recebeu o arco-íris como sinal de aliança, quer dizer, um sinal cultural, um sinal cosmológico.

As religiões não cristãs dos povos africanos, dos asiáticos e de outros, também são religiões cósmicas, sem uma revelação como a da tradição judaico-cristã. O ser humano está imerso no cosmos, onde e do qual vive, cresce, casa-se, trabalha, adocece, cura-se... Esse cosmo é o núcleo religioso em que ele tem a sua relação com o sublime, com o transcendente. O nome que se dá ao transcendente pode ser Olorum ou Oxum.

Pouco a pouco, o povo da Bíblia descobriu que se tratava de um só Deus com muitos nomes e diversas manifestações⁴. Acreditamos que o diálogo com as religiões afro-brasileiras desenvolve-se muito pelo nível de relações pessoais, qualificadas pelo respeito e amor mútuos, aprendizes uns dos outros. Assim fazemos Aliança pelo e com o Verbo que se encarnou e habita no meio de nós.

Conclusão

Pertencer a uma tradição religiosa libertadora é de suma importância até para a saúde física e mental, para perceber o sentido do cotidiano da vida, bem como para sentir-se participante do protagonismo histórico. Freud dizia:

“Quanto menos um homem conhece a respeito do passado e do presente, mais inseguro terá de mostrar seu juízo sobre o futuro... As pessoas experimentam seu presente de forma ingênua, sem serem capazes de fazer uma estimativa sobre seu conteúdo, têm primeiro que colocar certa distância dele: isto é, o presente tem de se tornar passado para que possa produzir pontos de observação, a partir dos quais elas julguem o futuro”⁵.

A esperança de libertação e de dignidade para todos não pode morrer. Disso nos fala o Deuteronômio quando faz a releitura do Êxodo no seu núcleo princi-

4. Cf. CNBB. *Guia para o diálogo inter-religioso*. Col. Estudos da CNBB, n. 52, 1987, p. 79.

5. FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão*. Rio de Janeiro: Imago, 1927.

pal (Dt 12–26). O êxodo tornou-se um paradigma que perpassa as gerações e as culturas. O evento libertador de um povo ilumina e motiva o sonho de todos os povos no sentido de concretizar a sua esperança de um mundo novo. Por isso, os homens e mulheres de hoje almejam viver uma religiosidade própria não de “anjos que voam”, mas de pessoas concretas, conscientes de seus compromissos por justiça, trabalho, educação, saúde e por todas as demais condições necessárias para uma vida digna sem exclusão.

Bibliografia

ALEXANDER, Pat e David (ed.). *O Mundo da Bíblia*. Tradução de José Raimundo Vidiagal. Paulinas. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 157-158.

BARROS, Marcelo. *O sonho da paz*. Petrópolis: Vozes, 1996.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulinas, 1987.

BÍBLIA DO PEREGRINO. São Paulo: Paulus, 2000.

BÍBLIA SAGRADA - Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 2014.

BÍBLIA SAGRADA - Tradução ecumênica. São Paulo: Loyola, 1994.

FREUD, Sigmund. *O futuro de uma Ilusão*. Rio de Janeiro: Imago, 1927.

JOÃO PAULO II. Carta Encíclica *Dominum et Vivificantem*, 1986.

PAULO VI. Carta Apostólica *Eclesiam suam*, 1964.

PREZIA, Benedito. Os povos indígenas do Brasil: hoje e ontem. In: Curso de Verão, ano XIII. *Brasil 500 anos: por um jubileu de justiça e esperança*. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 19-34.

SCHWANTES, Milton. *O Faraó - teimoso até o fim*. Uma leitura sobre a conversão de opressores (Ex 7–12). In: Curso de Verão, ano I. São Paulo: Paulinas, 1988, p. 72-80.

SILVA, Rafael Rodrigues da. *Resta esperança para o resto de Israel*. Projetos de esperança em Sofonias. *Estudos Bíblicos*, n. 62. Vozes: Petrópolis, 1999, p. 16-30.

Maria Aparecida Pascale

Av. Cidade de Córdoba, 121 casa 03

88061-200 Florianópolis, SC

Tel: (048) 3232-3582/Cel: (048) 9118-9959

E-mail: aparecidapascale@ig.com.br